Parla!

DAMA MONTANDO CAMELO

PANORAMA HISTÓRICO DA DINASTIA TANG (618-907)

Até o fim do século VI d.C., a China era dividida em diversos reinos independentes, que se consideravam descendentes políticos das dinastias Chou e Han. Dadas as diferenças geográficas entre o norte e o sul do país, esses diversos reinos levaram adiante seus próprios projetos de desenvolvimento socioeconômico, aprofundando antagonismos regionais. Esse desenvolvimento descentralizado do território chinês chega a um impasse por volta de 553, quando os reinos independentes iniciam um novo ímpeto expansionista. Entre 577 e 589, algumas dinastias menores sucederam-se no trono chinês, até que uma revolta popular provocou um novo vazio no poder. Esse vácuo foi preenchido pelo general Li Yuan, futuro imperador Gaozong (Fig. 1), o primeiro governante da dinastia Tang, em 618 (EBREY, 1996).

Figura 1
ANÔNIMO
Retrato do imperador Tang Gaozu, s/d
Tinta sobre papel de seda
Taipei: Museu do Palácio Nacional (TW)

Figura 2
ANÔNIMO
Retrato do imperador Tang Taizong, s/d
Tinta sobre papel de seda
Taipei: Museu do Palácio Nacional (TW)

O segundo imperador Tang, Taizong (Fig. 2), governou por mais tempo que o pai e pôde, por isso, consolidar diversas instituições públicas sob sua influência. Além disso, conspirou para a eliminação de diversos pretendentes ao trono oriundos de dinastias concorrentes. Chegou ao extremo de assassinar dois irmãos e banir o próprio pai da corte. Mesmo agindo com brutalidade, seu governo foi marcado por uma alta eficiência no manejo dos assuntos de estado, pois era auxiliado por conselheiros competentes. Estes eram livres para tratar dos diversos interesses do governo, havendo liberdade para criticar a conduta imoral do monarca sempre que necessário (EBREY, 1996).

O sucesso inicial da dinastia Tang deve-se, entre outros motivos, à criação de um código de leis capaz de unir os diversos elementos tradicionais da cultura chinesa, que até aquele momento encontravam-se dispersos. Embora alguns privilégios feudais fossem mantidos, os imperadores Tang trabalharam para consolidar seu poder político sobre as províncias, redutos das oligarquias locais. Governadores tiveram seus mandatos reduzidos e um amplo sistema de avaliação pública (Fig. 3) permitiu a ascensão de novas famílias à burocracia estatal. Os novos funcionários do governo deveriam ser fiéis praticantes do budismo e demonstrar conhecimento filosófico e literário. Tais medidas não impediram que membros da elite continuassem a ocupar cargos públicos, mas provocaram uma profunda mudança cultural: com mais acesso à formação acadêmica, a arquearia e a esgrima gradualmente perderam espaço na vida cortesã (EBREY, 1996).

Figura 3
QIU YING (1494–1552)
Candidatos ao serviço público, c. 1494
Tinta sobre papel de seda
Taipei: Museu do Palácio Nacional (TW)

No campo da política externa, a dinastia Tang conseguiu neutralizar rapidamente seus adversários, sendo os turcos a maior e mais constante ameaça aos interesses chineses. Novas fortificações foram erguidas ao longo da fronteira e um novo sistema de recrutamento foi estabelecido, o que foi crucial para o surgimento de milícias camponesas. Ao mesmo tempo, os imperadores Tang também utilizaram táticas indiretas de conquista, indicando turcos para cargos de confiança, promovendo alianças de matrimônio com as elites locais e instigando o conflito entre tribos rivais. Entre 640 e 650, a aliança sino turca abriu caminho para a reconquista de determinadas cidades da Ásia Central, estratégicas para o controle comercial da Rota da Seda (EBREY, 1996).

A dinastia Tang tinha uma burocracia estatal cosmopolita e educada, além de poderio militar para manter o fluxo de comércio da Rota da Seda constante, o que motivou sua prosperidade. Chang'an (Fig. 4), capital da dinastia, tornou-se um atrativo centro comercial e cultural. Nesse período, o monge Xuanzang (602-664) retornou à China depois de quinze anos peregrinando pela Ásia Central e pela Índia, e levou diversos relatos sobre os demais povos do continente. Além disso, o afluxo de comerciantes de diversas partes do mundo colocou a dinastia Tang em contato com outras expressões religiosas, como o islamismo, o judaísmo e o zoroastrismo. Além de suas práticas pessoais, esses comerciantes traziam também diversas mercadorias para troca, como cavalos, joias, instrumentos musicais e produtos têxteis. A entrada desses bens de consumo era motivo de maravilhamento para a corte e

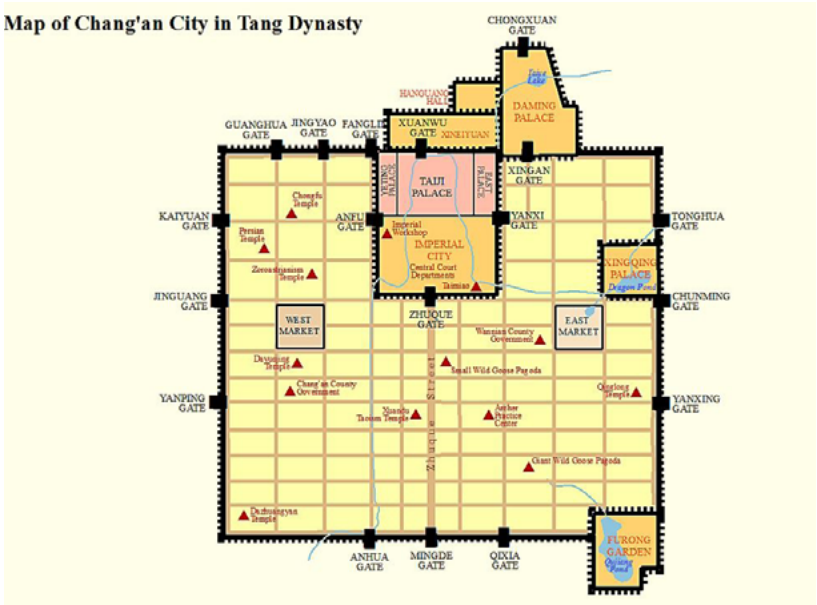

Figura 4
Mapa de Chang'an
Wikimedia Commons

para a elite urbana, e gerou impacto em diversas instâncias para a arte do período, especialmente na cerâmica e na música (EBREY, 1996).

O ponto alto da dinastia Tang ocorreu no reinado do imperador Xuanzong, em meados do século VIII d.C., quando a corte alcançou alto grau de refinamento. Dentre as principais medidas estão a codificação de todos os rituais de Estado e a promoção de diversas cerimônias religiosas públicas. Estabeleceu ainda uma nova academia literária de forma a aumentar o incentivo à literatura. O poeta Lin Bao e o pintor Han Gan, este último especializado em figuras equestres, serviam na corte. Xuanzong ainda promoveu mudanças estruturais nos assuntos estratégicos do governo. Atuou na diminuição da influência de outros membros da família imperial e dos monastérios budistas, e promoveu um novo censo para combater a queda na arrecadação de impostos no campo. Para frear o avanço dos turcos, dos uigures e dos tibetanos, reforçou diversas guarnições na fronteira, dando autonomia para seus generais (EBREY, 1996).

Ao final de sua vida, o imperador Xuanzong tomou como consorte Yang Guifei, que compartilhava dos interesses intelectuais do imperador. Posteriormente, a jovem passou a ser influenciada pelo general An Lushan que, no auge de seu poder na corte, arregimentava 160 mil soldados. Em 755, An Lushan rebela-se contra o imperador, capturando as cidades de Chang'an e Luoyang. Já sexagenário, o imperador abdica em favor de seu filho, que se tornou o imperador Suzong. Após a rebelião de An Lushan, a dinastia Tang não conseguiu recuperar seu antigo prestígio. Para manter o mínimo de estabilidade interna, o imperador Suzong foi obrigado a perdoar vários líderes revoltosos e revogar diversas leis que retiravam poderes das oligarquias rurais (EBREY, 1996).

A fim de alocar mais recursos para o tesouro público, criou-se um monopólio imperial para a produção e distribuição de sal. Por volta de 779, metade dos impostos imperiais vinham do controle dessa manufatura, o que fez o governo ampliar seu domínio para outros produtos, como o vinho e o chá. Entretanto, novas tentativas de centralização de poder político não prosperaram. Para contrabalancear a influência dos líderes rurais, um novo exército oficial foi formado sob o comando dos eunucos da corte. O resultado foi uma sucessão de intrigas, golpes e contragolpes que fragilizaram ainda mais o poder imperial, já que os governantes eram depostos e assassinados de acordo com as intrigas dos eunucos. A ausência de liderança interna fez aumentar a pressão externa, com os uigures saqueando cidades na Rota da Seda (EBREY, 1996).

Por volta de 860, não havia mais possibilidade de unidade em torno da dinastia Tang. Todos os imperadores reinavam de forma controlada, quando não eram elevados ao poder apenas de forma figurativa. Zhaoxuan foi o último governante

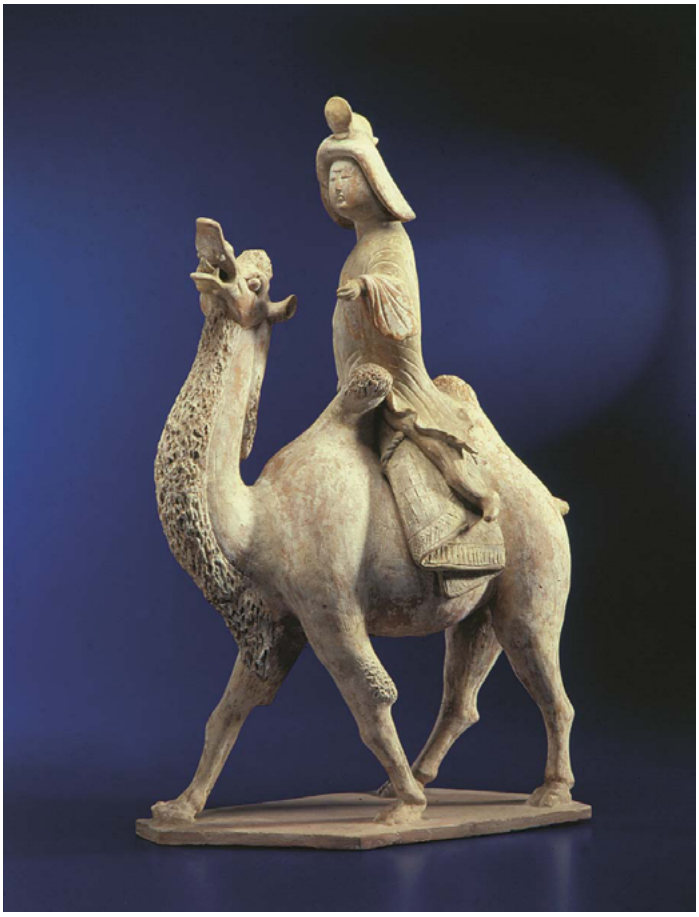

Figura 5
CAMELO MONTADO POR FIGURA DE MULHER
China, dinastia Tang (618-907)
Terracota moldada e policromada
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

dessa dinastia. Exerceu sua função em um momento em que o controle político estava nas mãos de qualquer general que conseguisse mobilizar tropas. Foi deposto em 907, abrindo caminho para um novo conflito interno que ficou conhecido como Período das Cinco Dinastias. A China só voltaria a se unificar em 960, com a vitória do general Zhao Kuangyin, futuro imperador Taizu, o primeiro da dinastia Song (EBREY, 1996).

CAMELO MONTADO POR FIGURA DE MULHER, DA COLEÇÃO EVA KLABIN

A Casa Museu Eva Klabin possui em seu acervo uma impressionante coleção de arte oriental que abarca diversas civilizações e distintos períodos da história. No museu, encontramos desde as famosas porcelanas chinesas dos séculos XVIII e XIX, até peças ritualísticas e decorativas de países como Japão, Tailândia e Myanmar. Dentre esses objetos, destaque-se aqui a escultura Camelo montado por figura de mulher (Fig. 5), um exemplar da arte do período Tang, em exibição na Sala Chinesa.

Feito em terracota e com resquícios de policromia, a dama maneja a montaria com destreza, equilibrando-se de forma elegante entre as corcovas do animal. Suas túnicas acompanham o movimento do camelo que, mesmo contrariado, se apressa em passos largos. A mão esquerda da moça parece puxar as rédeas do animal, que abre a boca como se emitisse um potente grito. Seu pescoço é arqueado e apresenta

Figura 6
FIGURAS FEMININAS JOGANDO POLO
China, dinastia Tang (618-907)
Terracota policromada
Londres: Museu Britânico (UK)

uma profusão de pelos, indicando ser um camelo bactriano, espécie comum no Afeganistão e na Índia e que era a montaria preferencial para as longas jornadas na Rota da Seda. A escultura em exibição na CMEK seria um reflexo do gosto refinado de uma nova classe social, urbana e cosmopolita, que prosperava a partir do lucrativo fluxo comercial vivido pela China durante a dinastia Tang (MIGLIACCIO, 2007).

A peça também evidencia uma característica da arte chinesa desse período, um apreço poético pela figura feminina. São diversos os exemplos de esculturas onde a mulher se apresenta como protagonista da ação, participando de atividades físicas montadas em camelos ou cavalos. É o que também podemos observar em um belo conjunto do Museu Britânico, Duas jogadoras de polo (Fig. 6). Feitas em terracota, e igualmente com resquícios de policromia, as duas moças encontram-se de forma decidida, cavalgando com toda a força. Ambas inclinam-se para o lado, em busca da bola do jogo. Com uma mão parecem segurar as rédeas e com a outra preparam o movimento do taco. A composição é de tremenda energia e exultação, e registra um momento de liberdade poucas vezes vivido na recatada sociedade chinesa.

A abundância de figuras femininas na arte do período Tang explica-se pelo singular esclarecimento intelectual cultivado entre as altas camadas sociais do império. Entre os motivos, podemos citar o budismo, que sendo uma religião universalista, favoreceu a valorização do feminino; a formação de uma elite composta por vários estrangeiros, o que ampliou a visão de mundo, e o constante trânsito comercial e cultural com outros povos. Tais elementos fizeram dessa dinastia

Figura 7
ANÔNIMO
Retrato da imperatriz Tang Wu, c. séc. XVIII
Retirado do livro *An 18th century album of portraits of 86 emperors of China, with Chinese historical notes*
Londres: Biblioteca Nacional (UK)

um reino mais tolerante com o papel social da mulher, que não ficava restrito às condições tradicionais da vida doméstica.

Os chineses tinham como exemplo próximo a imperatriz Wu (Fig. 7). Inicialmente concubina do imperador Gaozong, na segunda metade do século VIII d.C. ela conseguiu tomar o poder para si com muita habilidade política. Mesmo conspirando contra seus dois filhos, que em certo momento chegaram a assumir o trono, o governo de Wu aprofundou as reformas iniciadas pelos seus antecessores e garantiu contínua estabilidade ao império (EBREY, 1996).

OUTRAS ESCULTURAS DA DINASTIA TANG

Até o fim do século XIX, muito pouco se conhecia no ocidente a respeito da cerâmica chinesa anterior à dinastia Ming (1368-1644). Tal desconhecimento devia-se ao fato de o mercado europeu procurar na China apenas aquilo que pudesse contribuir para o desenvolvimento das artes decorativas em seu continente. Em 1882, o Museu Victoria & Albert, de Londres, adquiriu suas primeiras peças anteriores à dinastia Ming, embora artigos das dinastias Han e Tang continuassem ignoradas pelos estudiosos (WILLETTS, 1958).

Isso muda no início do século XX, quando duas expedições alemãs encontram fragmentos de cerâmica chinesa no sítio arqueológico de Samarra, hoje no Iraque. Não surpreendia o fato desses objetos serem encontrados tão longe do território chinês, mas sim que tais fragmentos, datados do século IX d.C., já apresentassem

técnicas de produção associadas com dinastias posteriores a esse período. Essa descoberta colocou as peças Tang em evidência nos estudos ocidentais, mas a dinastia sempre foi considerada, pelos chineses, a sua época de ouro. Foi um dos períodos mais criativos e intensos da arte chinesa, e na ausência de elementos arquitetônicos para sua análise, as cerâmicas proporcionam uma base de estudo (WILLETTS, 1958).

As esculturas desse período foram feitas, primordialmente, para a decoração de túmulos. Elas mostram o dinamismo da vida cotidiana das classes sociais mais abastadas, como também a já citada ênfase no feminino (SULLIVAN, 1973). Além do Camelo montado por figura de mulher, a CMEK possui outras esculturas femininas da dinastia Tang, como a *Dama de Corte* (Fig. 8). Produzida em terracota policromada, trata-se de uma escultura com função decorativa. Nela vemos uma moça sentada com as pernas dobradas. Concentrada na tarefa, ela segura a flauta com as duas mãos, pronta para extrair do instrumento sua melodia. Seu vestido parece de tecido muito fino, que se amolda delicadamente ao corpo esguio. Os cabelos, amarrados na forma de dois grandes coques, contemplam a moda cortesã da corte Tang.

Figura 8
DAMA DA CORTE
China, dinastia Tang (618-907)
Terracota modelada e policromada
Rio de Janeiro: Casa Museu Eva Klabin (BR)

Também são comuns as figuras militares, geralmente homens armados com lanças, espadas e vestidos com armaduras brilhantes e esmaltadas. Exemplo desse tipo de figura é o *Guerreiro* (Fig. 9), também em exposição na CMEK. O imponente soldado encontra-se de pé, com o corpo levemente arqueado para o lado, como se observasse o que acontece à sua frente. A mão direita fechada, junto ao corpo, indica que ele segurava uma arma, provavelmente uma lança. Munido de um grosso elmo, sua armadura é decorada com esmaltes das cores verde, ocre e amarelo, a partir de uma técnica chamada *sancai* (MIGLIACCIO, 2007).

É provável que essas esculturas fizessem referência a pessoas reais. Diz a crônica da época que o imperador Taizong estava doente e demônios começaram a incomodá-lo, fazendo barulho enquanto ele dormia. Um de seus generais prometeu velar seu sono montando guarda na entrada dos aposentos. Milagrosamente, os sons misteriosos cessaram. A partir de então, criou-se o costume de colocar guerreiros armados nos umbrais das casas, como amuleto protetivo (SULLIVAN, 1973).

Figura 9
GUERREIRO
China, dinastia Tang (618-907)
Terracota vitrificada e policromada
Rio de Janeiro: Casa Museu
Eva Klabin (BR)

BIBLIOGRAFIA

EBREY, Patricia Buckley. *The Cambridge Illustrated History of China*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

SULLIVAN, Michael. *The Arts of China*. Los Angeles: University of California Press, 1973.

WILLETTS, William. *Chinese Art*. v. 2. Londres: Penguin Books, 1958.